

Carta de dissolução da EFP

Falo sem a menor esperança – de me fazer ouvir, notadamente.

Sei que o faço – acrescentando aí o que isso comporta de inconsciente.

Está aí a minha vantagem sobre o homem que pensa e não se apercebe de que, em primeiro lugar, ele fala. Vantagem que só devo à minha experiência.

Pois, no intervalo da palavra que ele desconhece até o que ele acredita fazer pensamento, o homem se embaralha o que não o encoraja.

De sorte que o homem pensa débil, ainda mais débil que ele se enraivece... justamente por se embaralhar.

Há um problema da Escola. Não é um enigma. E eu me oriento aí; já era hora.

Este problema demonstra-se tal por haver uma solução: é a dis – a dissolução.

Tem que ser entendida como da Associação que, a essa Escola, dá estatuto jurídico.

Que seja suficiente que um se vá para que todos estejam livres, é, no meu nó, verdadeiro para cada um; em minha Escola é preciso que seja eu.

Resolvo-me a isso pelo fato de que ela funcionaria, se eu não me metesse de través, às avessas daquilo pelo que eu a fundei.

Ou seja, para um trabalho, eu o disse – que, no campo que Freud abriu, restaura a relha cortante de sua verdade – que retoma a práxis original que ele instituiu sob o nome de psicanálise no dever que lhe cabe em nosso mundo – que, por uma crítica assídua, denuncia os desvios e os compromissos que amortecem seu progresso, degradando seu emprego. Objetivo que mantenho.

É por isso que eu dissolvo. E não me queixo dos ditos “membros da Escola freudiana” – melhor, lhes agradeço, por haver por eles sido ensinado, onde eu fracassei – quer dizer, me embaralhei.

Este ensino me é precioso. Tiro dele proveito.

Dito de outro modo, eu persevero.

E convoco a se associarem mais uma vez aqueles que, neste Janeiro de 1980, queiram seguir com Lacan.

Que a escrita de uma candidatura os faça prontamente conhecidos de mim. Em dez dias, para cortar a debilidade circundante, publicarei as adesões primeiras que tiver acolhido como engajamento de “crítica assídua” do que a E.F.P. proporcionou em matéria de “desvios e compromissos”.

Demonstrando em ato que não é por seu feito que minha Escola seria Instituição, efeito de grupo consolidado, às expensas do efeito de discurso esperado da experiência, quando ela é freudiana. Sabe-se o que custou, que Freud tenha permitido que o grupo psicanalítico prevalecesse sobre o discurso, tornando-se Igreja.

A Internacional, já que é seu nome, se reduz ao sintoma que ela é daquilo que Freud esperava dela. Mas não é ela que tem peso. É a Igreja, a verdadeira, que sustenta o marxismo naquilo que ele lhe restitui de sangue novo... de um sentido renovado. Por que não a psicanálise, quando ela se volta para o sentido.

Não digo isso por uma zombaria vã.

A estabilidade da religião vem de que o sentido é sempre religioso.

De onde minha obstinação em minha via de matemas – que nada impede, mas testemunha do que seria necessário para, o analista, colocá-lo ao passo de sua função.

Se eu 'pai-severo' [père-sevère/ persevero], é que a experiência feita chama a contra-experiência que compense.

Não tenho necessidade de muita gente. E há gente de quem não tenho necessidade.

Eu os largo aí para que eles me mostrem o que sabem fazer, além de me estorvar e desperdiçar um ensino no qual tudo é pesado.

Aqueles que admitirei comigo fazem melhor? Ao menos poderão prevalecer-se de que eu lhes dê uma chance.

O diretório da E.F.P., tal como eu o compus, despachará as pendências dos afazeres ditos correntes, até que uma Assembléia extraordinária, a ser a última, convocada em tempo devido conformemente à lei, proceda a uma devolução de seus bens, que os tesoureiros terão estimado, René Bailly e Solange Faladé.

Jacques Lacan

Guitrancourt, neste 5 de Janeiro de 1980